

RESENHAS

RICOEUR, Paul.
Temps et Récit, vol. I.
 Paris, Seuil, 1983.

Temps et Récit (I) retoma as preocupações do autor em **La Métaphore Vive**, com a função poética da linguagem: o desvelamento do ser.

O núcleo do livro é a análise do parentesco entre narrativa histórica e narrativa de ficção, cujo denominador comum reside no caráter temporal da experiência humana.

Para fundar tal reciprocidade entre narrativa e temporalidade, Ricoeur aborda a teoria do tempo em Santo Agostinho e a **Poética** de Aristóteles.

De Santo Agostinho, põe à luz a dialética entre tempo e eternidade e a experiência do tempo como deficiência e dissolução, errância e tristeza do finito. Mostra, ainda, o aprofundamento dessa experiência da tematização da escuta do Verbo interior e da luta contra a linearidade do tempo.

Da **Poética** de Aristóteles, aborda os conceitos de **mythos** e **mimesis**, respectivamente ordenação da intriga e **imitação criadora** e o de **poiesis** "arte de compor intrigas" (p. 57), ficção que se apóia na experiência temporal viva.

Como a tragédia, a história trabalha com a **metabolé**, mudança da sorte. Para elucidar a mediação entre tempo e narrativa, Ricoeur faz a trajetória que vai do tempo **prefigurado** (experiência vivida), ao tempo **configurado** pelo mito, chegando ao tempo refigurado da história e da narrativa. Chama de **mimesis I** a pré-compreensão do caráter temporal, da estrutura e da simbólica do mundo da ação. Tal pré-compreensão deve ser mediatizada pela linguagem, que tem caráter diacrônico. Diz: "É sobre essa pré-compreensão, comum ao poeta e seu leitor, que se ergue a ordenação da intriga e, com ela, a mimética textual e literária" (p. 100).

Por **mimesis II**, entende a configuração narrativa, o **mythos**, que combina paradigma e invenção, permitindo a apreensão dos acontecimentos narrados como uma totalidade significativa.

Mimesis III evidencia que a obra de arte projeta um mundo e o comunica, através da linguagem: "(...) a poesia, com seu **mythos** re-descreve o mundo (...) Da mesma maneira (...) o fazer narrativo re-significa o mundo, na sua dimensão temporal, na medida em que recontar, recitar, é refazer a ação segundo o convite do poema" (p. 122). O que é refigurado, na arte e na história, é o tempo humano; donde a exigência de uma **fenomenologia do tempo**, que não é mera apreensão intuitiva deste, mas compreensão de que o tempo se hierarquiza em diversos níveis: tempo autêntico, tempo cotidiano e público, impondo a questão: "até que ponto uma reflexão sobre a narratividade e o tempo pode ajudar a pensar juntas a eternidade e a morte" (p. 129).

Nosso autor discute as relações entre história e narrativa, abordando os argumentos **contra** a história narrativa, da historiografia francesa e do positivismo culminando na elaboração do conceito de **intencionalidade histórica**. Mostra a derivação indireta da história em relação à narrativa, mediante a elucidação da **explicação histórica** e da **compreensão narrativa**, interrogando-se "a respeito da contribuição da narrativa histórica à **refiguração** do tempo" (p. 136).

O pensador defende a tese de que “a refiguração do tempo pela narrativa é (...) obra **conjunta** da narrativa histórica e da narrativa de ficção” (p. 136).

Na historiografia francesa, o **eclipse da narrativa** decorre da mudança de objeto da história, da preocupação com as ações individuais em direção ao fato social; no positivismo lógico, decorre da ruptura epistemológica entre explicação histórica e compreensão narrativa.

A contribuição da historiografia francesa consistiu na **crítica da história factual**; a contribuição da filosofia analítica, residiu na defesa da **objetividade histórica**.

A favor da narrativa, os autores de língua inglesa (Dray, von Wright, Danto, Gallie, Mink, White) mediante análise da linguagem narrativa, mostram a correlação entre: compreensão narrativa e explicação histórica, história e literatura; reconhecem o “caráter sintético da atividade narrativa” (p. 220); propõem uma teoria do estilo historiográfico. Na mesma orientação, Veyne evidencia que narrativa é sempre reconstrução, não vivência imediata do tempo. Sua temporalidade não é, pois, a do *Dasein*, sua lógica é uma lógica do provável.

Confrontando os argumentos pró e contra a história narrativa e sua contribuição à epistemologia da história, Ricoeur passa a considerar o laço indireto entre historiografia e narrativa. De um lado, leva em conta a **ruptura epistemológica** entre narrativa e história, em três níveis: o dos **procedimentos**, porque historiografia implica em conceitualização, estabelecimento da objetividade histórica e discussão de seus limites, apresentação dos modos de explicação histórica; o das **entidades** que são objeto da história, porque a narrativa mítica e a crônica levam em conta as ações vinculadas a sujeitos individuais enquanto a história assinala as ações de civilizações, sociedades, ou seja, entidades anônimas; o do **estatuto epistemológico do tempo histórico**, porque este não tem relação direta com o tempo do sujeito individual, uma vez que é diverso da temporalidade da ação; implica em multiplicidade de tempos hierarquizáveis (tempo curto do acontecimento; **semi-longo** da conjuntura; **longo**, das civilizações) e em sucessão de intervalos homogêneos.

Apesar dessa ruptura, há, no entanto, um laço indireto entre história e narrativa, exposto na crítica ao modelo nomológico, no interior da própria filosofia analítica e através das tentativas recentes de valorização da narrativa, que mostram que “narrar, já é explicar” (p. 251); e que diversificam os modelos explicativos, inspiradas “nos recursos explicativos da narrativa” (p. 252).

Por isso, ao analisar a intencionalidade do conhecimento histórico, Ricoeur caracteriza a história por seu **enfoque poético**, tratando “de explorar por quais caminhos indiretos o **paradoxo do conhecimento histórico** (...) transpõe, num grau superior de complexidade o **paradoxo constitutivo da operação de configuração narrativa**” (p. 253). Tais caminhos são: o da **reconstituição imaginária** e provável do curso dos acontecimentos, com a finalidade de compará-la depois com o curso real dos acontecimentos, análogo à construção probabilista e imaginária do **mythos**; o do trabalho da **história com entidades** que funcionam de modo semelhante ao dos personagens na narrativa, uma vez que embora anônimas, as forças sociais têm referência indireta aos indivíduos que a compõem e “**porque cada sociedade** (...) se comporta na cena histórica como um grande indivíduo (...)” (p. 278); o da **temporalidade múltipla** da história que remete à dialética temporal da narrativa, dado que tanto a história quanto a narrativa buscam universalizar o acontecimento, combinar contingência e veracidade, submeter-se a paradigmas, e trabalham com a **metabolé** — mudança da sorte.

No primeiro volume de *Temps et Récit*, nosso autor examinou o modo narrativo da história; em *Temps e Récit* (II) propõe-se a considerar a narrativa de ficção.

Temps et Récit (I) procurou evidenciar, de um lado, a exigência de rigor da explicação histórica e o caráter **analógico** “do emprego de categorias narrativas na história científica” (p. 320).

Limitou a discussão do tempo histórico à questão do parentesco entre história e narrativa, deixando em aberto a da relação entre o tempo dos historiadores e o tempo dos filósofos.

A surpreendente erudição do pensador torna o livro leitura obrigatória para todos os que se interessam por epistemologia e filosofia da história, e filosofia da linguagem.

Fio condutor no labirinto das polêmicas contemporâneas, a “via longa” de Ricoeur abre horizontes de uma poética que, sem confundi-lo, aproxima outra vez mito e história, poesia e ciência

Constança Marcondes Cesar
PUCCAMP

RICOEUR, Paul.
Temps et Récit II.
Paris, Seuil, 1984.

No segundo volume de **Temps et Récit**, Ricoeur enfoca a narrativa de ficção, estudando a estrutura temporal desse tipo de texto e os pontos de aproximação e oposição entre as narrativas de ficção e histórica. Seu objetivo é ampliar, aprofundar e enriquecer a noção de intriga (*mythos*) apresentada por Aristóteles e diversificar a noção de temporalidade apresentada por Santo Agostinho.

Questões como: quais os laços entre o romance moderno e o mito trágico? qual o papel da **diacronia** na narratologia? e outras, servem de ponto de partida para os estudos das **metamorfoses da intriga** “para além da esfera de sua primeira aplicação na **Poética** de Aristóteles (...)” (p. 18). Trata de identificar o princípio formal da ordenação da intriga na noção de **configuração temporal**.

Mostra a relação complexa entre **arte** e **verdade** no romance atual, e põe a questão do **declínio da arte de narrar** em nossa época. Estuda as **limitações semióticas da narratividade** e sua correlação com a busca das estruturas profundas das configurações narrativas. Essa busca implica uma revolução metodológica, que subordina “todo aspecto sintagmático, isto é, temporal da narrativa, a um aspecto paradigmático, logo acrônico, correspondente” (p. 52). Tal revolução é exposta através da discussão da morfologia do conto segundo Propp, da lógica da narrativa de Bremond e da semiótica da narrativa de Greimas, cujas contribuições e limites são abordados por nosso autor.

No capítulo **Os jogos com o tempo**, mostra o enriquecimento dos conceitos de **ordenação da intriga** e **tempo narrativo**, através dos relatos de ficção. Para Ricoeur, a análise da linguagem evidencia que os sistemas de tempos verbais **não derivam** de uma experiência fenomenológica do tempo ou de uma distinção intuitiva entre presente, passado e futuro. Estudando as contribuições de Benveniste, Hamburger e Weinrich sobre as relações entre os tempos do verbo e o tempo vivido, discute a autonomia das configurações narrativas, face à experiência prefigurada do tempo. Não há contudo, uma ruptura absoluta entre o tempo vivido e o tempo da ficção, porque esta não se destaca do mundo prático, mas reorienta o olhar em direção à experiência, **descobre** e **cria** novos modos da apreensão do tempo. O que é narrado é sempre a vida; contudo, a vida como tal não forma por si mesma uma totalidade, mas totaliza-se pela narração. O **sentido** do tempo vivido é sempre

resultado de uma **interpretação**, nunca um dado imediato (p. 119). Há um tempo **político** no horizonte de toda estruturação narrativa significativa, no horizonte de toda **criação** temporal.

A finalidade dos jogos com o tempo, na ficção, consiste na **articulação** da experiência do tempo, a experiência virtual de ser-no-mundo proposta pelo texto e refigurada pela narrativa.

Essa finalidade patenteia-se em três obras-mestras, que nosso autor escolhe para exemplificar a experiência temporal fictícia: **Mrs. Dalloway** (Virgínia Woolf), **A Montanha Mágica** (Thomas Mann), **Em Busca do Tempo Perdido** (Marcel Proust).

As razões da escolha: essas obras **narram** uma fábula sobre o tempo; esboçam **variações imaginativas** que permitem superar a experiência temporal cotidiana; exploram as **relações** entre tempo e eternidade; aprofundam **níveis de temporalidade**, exploram sua hierarquia e sua **relação com a morte**.

Em **Mrs. Dalloway**, Ricoeur aborda a experiência temporal exposta na visão do mundo de Virgínia Woolf. Na obra em questão, o narrador faz fluir a narrativa, mediante o testemunho, da parte dos personagens, dos mesmos lugares, incidentes, sons: "Uma parada no mesmo lugar, uma pausa no mesmo lapso de tempo formam uma passarela entre duas temporalidades estranhas uma à outra" (p. 157). Tais procedimentos favorecem a partilha, entre narrador e leitor, das experiências temporais que permitem **"refigurar na leitura o próprio tempo"** (p. 157).

Ricoeur mostra a contraposição entre o **tempo cronológico** que expressa o tempo monumental e a história monumental, representando **autoridade e poder**, e o **tempo subjetivo plural** dos personagens. A hora é a mesma para todos (vista de fora), mas a ficção explora a pluralidade de tempos **interiores**, a contradição entre o dentro e o fora da experiência do tempo, **"a experiência da mortal discordância entre o tempo íntimo e o tempo monumental"** (pp. 161 – 162).

O horror da história, patente nessa contradição, evidencia o tempo como o negativo da eternidade. E é **"em relação a esta falha insuperável, cavada entre o tempo monumental do mundo e o tempo mortal da alma, que se distribuem e ordenam as experiências temporais de cada um dos (...) personagens e seu modo de negociar a relação entre os dois bordos da falha"** (p. 164). Pois o núcleo da experiência do tempo exposta em **Mrs. Dalloway** não significa uma noção **una** do tempo, mas **"o ressoar (...) de uma experiência solitária em outra experiência solitária"** (p. 167).

Romance sobre o tempo, **A Montanha Mágica** trata da **"abolição do sentido das medidas do tempo"** (p. 168) como a característica dos habitantes do sanatório de Davos (**"os do alto"**) e razão do contraste entre estes (que vivem fora do tempo) e **"os de baixo"**, os homens comuns (que vivem no ritmo dos calendários e relógios). O fio da história é marcado pelas **relações** entre os que habitam o mundo comum e os pensionistas do sanatório.

A Montanha Mágica é um romance do tempo num duplo sentido: o de se desenrolar no tempo e precisar de tempo para ser narrado; o de romance **sobre** o tempo, buscando evocar e narrar o **próprio tempo**, a contraposição entre o tempo dos relógios e calendários e o tempo interior. Romance sobre o tempo, é também o romance da doença mortal, pondo à luz o pacto secreto entre o amor e a morte (p. 172) e a interação entre o tempo, a morte e a cultura: **"o destino da cultura torna-se um aspecto do debate entre o amor e a morte; em troca, as decepções de um amor (...) tornam-se os 'preceptores' (...) na busca espiritual do herói"** (p. 174). Romance de aprendizagem, de educação para a morte, da perda do sentido do tempo

que possibilita a coragem de viver, da experiência do tempo cósmico (eternidade contemplada), da apreensão do imemorial no incomensurável do céu, o livro de Thomas Mann aproxima "o espaço e o tempo numa única simbólica" (p. 188): a do confronto entre tempo e eternidade, expressa no confronto do homem com a natureza, na fascinação pela doença e pela morte, na irredutível pluralidade dos sentidos do tempo vividos pelos personagens.

Em *Busca do Tempo Perdido* abre as questões da verdade e da aprendizagem do amor e da arte, pondo à luz a "dimensão extra-temporal da obra de arte" (p. 195).

A *Recherche* é uma fábula sobre o tempo enquanto: **tematiza** a busca e a redescoberta; **projeta** no romance a metafísica romântica que transforma os problemas da criação e da unidade perdida na psicologia do tempo perdido; **mostra** uma pluralidade de vozes narrativas, a do herói e a do narrador, e o projeto da obra de arte nascido da descoberta da vocação do escritor, instaurando laços entre o tempo redescoberto e o tempo perdido (p. 20).

O **tempo perdido** é o da infância, onde se expõe a relação entre temporalidade e desejo e onde a aprendizagem do amor se identifica com a busca da verdade. O tempo perdido, via da desilusão, é o tempo da decifração dos signos do mundo, do amor e da sensibilidade e encontra seu modelo paradigmático em *Um Amor de Swann* e é retomado em *A Fugitiva* e *À Sombra das Raparigas em Flor* (p. 209).

O **tempo redescoberto** é o momento em que Proust aborda, no romance, o nascimento de um escritor, preparado por dois graus de iniciação: o acúmulo de acontecimentos mal coordenados entre si; a experiência da desilusão e desprendimento. Para reencontrar, é necessário renunciar a **reviver** o passado.

Assim, em Proust, o tempo exhibe sua potência destruidora, sua precariedade mortal. A meditação sobre o tempo e a vocação do artista conduz à meditação sobre a **eternidade**, que unifica presente e passado.

Há, pois, um duplo sentido da expressão **tempo redescoberto**: significa quer o extra-temporal (a eternidade) e a reflexão sobre a origem da criação artística, quer o ato de reencontrar o tempo perdido, pela fixação do mundo fugido "em uma obra durável" (p. 214). Não é no âmbito do amor, mas no da arte, que se reencontra o tempo perdido. Na verdade, a *Recherche* "narra a transição de um sentido a outro de tempo redescoberto: é nesse sentido que ela é uma fábula sobre o tempo" (p. 215). A experiência da passagem é também um confronto com a morte, que ameaça os sujeitos individuais e a própria expressão temporal da obra de arte. O tempo invisível é redescoberto pela obra de arte, na qual, através da mutação dos personagens, põe-se à luz o Tempo. Personagens e lugares: emblemas do Tempo.

Fábula do tempo, a *Recherche* estabelece uma relação "entre os dois pólos da elipse: a aprendizagem dos signos, com seu tempo perdido e a revelação da arte, com sua exaltação do extra-temporal" (p. 217).

Num primeiro sentido, o "tempo redescoberto (...) é o tempo perdido eternizado pela metáfora" (p. 219), pois há uma relação metafórica entre a felicidade e a libertação do tempo, em Proust. A **metáfora**, no plano do estilo e o **reconhecimento**, na perspectiva do artista, elevam as impressões ao plano da essência, revelando-a. Há, pois, em Proust, uma estreita relação entre estilo e visão, escrita e impressão, literatura e vida, que conduz ao segundo sentido da redescoberta do tempo: a redescoberta da impressão, a decifração dos signos, a "conversão da impressão em obra de arte", literatura (p. 221). Num terceiro sentido, o tempo redescoberto é a apreensão das relações entre vida e literatura e a posição do

problema da morte. "Porque o tempo redescoberto é também a morte redescoberta" (p. 224).

Em **Temps et Récit II**, Ricoeur aborda, assim, os aspectos temporais da experiência ligada às narrativas de ficção, mostrando como estas complexificaram a noção de ordenação da intriga, abriram perspectivas ilimitadas de **experiências fictícias** do tempo, "modo virtual de habitar o mundo que a obra literária projeta em virtude de seu poder de autotranscendência" (p. 233).

Os estudos de nosso autor sobre três fábulas do tempo preparam a abordagem da **refiguração** do tempo pela narrativa e o confronto do mundo do texto com o do leitor (p. 234), pondo também em questão o problema da verdade. Trata-se de mostrar o "poder da ficção de descobrir e transformar o mundo" (p. 234) e de sua riqueza de informações sobre o tempo, por estar desvinculada de um laço imediato com o tempo dos acontecimentos.

Ricoeur aponta ainda as convergências da **configuração do tempo** pelas narrativas de ficção e histórica, assinalando que em qualquer narrar, ocorre a mediação simbólica da ação; que a ordenação da intriga (**mythos**), também evidencia o parentesco entre a história e a literatura; que há um laço estreito entre a epistemologia das explicações históricas e a epistemologia da gramática narrativa, pois ambas na configuração narrativa, estabelecem sínteses do heterogêneo, que parecem implicar um certo tipo de racionalidade especial, uma inteligência narrativa.

Prometendo um terceiro volume de **Temps et Récit**, em que tentaria responder às questões formuladas e deixadas em aberto nos volumes anteriores, Ricoeur encerra as meditações de **Temps et Récit II**.

Constança Marcondes Cesar
PUCCAMP

FERREIRA DA SILVA, Dora (org.)
A Poesia Mística de San Juan de la Cruz.
São Paulo, Cultrix, 1985.

A certeza de que só um poeta pode traduzir poesia sem traí-la, é reafirmada por esta edição bem cuidada, bilingüe, dos versos de San Juan de la Cruz.

A tradução de Dora Ferreira da Silva guarda o ritmo, a leveza e o encanto do original. A seleção dos poemas, abrangendo o **Cântico Espiritual**, a **Noite Escura**, a **Chama de Amor Viva**, **Entreí onde não Sabia**, coplas e cantares, romances em que o místico celebra a Trindade e uma lamentação pelo exílio em Babilônia, resume o itinerário do santo.

Poeta do mistério de Deus, San Juan trata de dizer o júbilo da experiência mística e a elegia da condição mortal, que impede a união perfeita com a divindade.

A tradução é precedida por um estudo histórico e biográfico sobre o santo espanhol, escrito por Lepagneur. Inscrevendo San Juan na tradição carmelita, narrando o encontro com Teresa d'Ávila, estabelecendo paralelos com Kafka e São Francisco, Lepagneur caracteriza a busca do místico: "A procura do Nada em função do Tudo que é o Amor divino ..." (p. 15).

Dora Ferreira da Silva, por sua vez, tematiza as relações entre **mística e poesia**, estabelecendo paralelos entre a experiência san-juanista e a de T. S. Eliot em **Four Quartets**, e a de Rilke, poeta "do sacral na poesia, esse dom terrestre que é um

segredo entre o homem e Deus...² (p. 30). Mostra, ainda, as relações de "San Juan de la Cruz e o Ambiente Islâmico", assinalando pontos de convergência entre a mística do poeta espanhol e a sufi-persa.

O estudo de Dora prolonga-se num "Breve Comentário à Poesia de San Juan de la Cruz", onde nos conduz da "simbólica da noite escura" (p. 40) à meditação sobre o "mistério de uma união afetiva" (p. 41), "não a ser decifrado, mas a ser vivido" (p. 48).

A esplêndida fluência dos versos fala do mistério do Ser, que não pode ser abordado diretamente, mas torna-se acessível através da poesia.

Constança Marcondes Cesar
PUCAMP